

Faz Diferença ter mais equidade no Ensino Fundamental em São Paulo?

Por: coletivo Faz Diferença

A igualdade de oportunidades na Educação é fundamental para o desenvolvimento das crianças e jovens, garantindo que todos e todas tenham acesso ao mesmo conjunto de técnicas de aprendizagem e, portanto, tenham o mesmo grau de liberdade para escolher seus caminhos no futuro.

Quando falamos do município de São Paulo, este debate se volta para o Ensino Fundamental (EF-1), que compreende o ciclo entre 1º e 5º ano letivo, que é de responsabilidade dos governos municipais. Mas será que a qualidade do ensino é a mesma na cidade toda? Ou as diferenças entre as subprefeituras impedem que todas as crianças tenham acesso igualitário à educação?

Os pesquisadores Caio Callegari e Maria Laura Gomes compararam os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) das subprefeituras¹. Os resultados do estudo mostram que, embora todas as Subprefeituras tenham evoluído positivamente no Ideb entre 2011 e 2017, com redução da desigualdade centro-periferia, houve ampliação nas diferenças entre as regiões. Ou seja, os valores melhoraram na cidade toda, mas a diferença entre as Subprefeituras ficou maior. Vamos olhar para os dados de M'Boi Mirim para entender melhor o que isso significa.

Em 2011, M'Boi obteve uma taxa de rendimento de 0,95 (o que quer dizer que 95% dos alunos do Ensino Fundamental foram aprovados para o próximo ano), e uma nota de aprendizagem de 4,9 (na escala de 1 a 10 do Ideb). Os valores são relativamente uniformes para a cidade toda: o valor mais alto, da Vila Mariana, é dos mesmos 0,95 na taxa de rendimento e 5,5 na aprendizagem; e as notas mais baixas (4,7) são de Cidade Tiradentes e Freguesia/Brasilândia.

Já a análise do Ideb em 2017 aponta que 61,3% das Subprefeituras de São Paulo obtiveram pontuação média entre 6,0 e 6,5 no Ideb do EF-1. Em 7 anos, a evolução foi grande! M'Boi aumentou sua taxa de rendimento para 0,98, e sua nota de aprendizagem para 6,2 - ou seja, a nota do Ideb subiu 1,3 pontos. Freguesia/Brasilândia e Guaianases ficaram por último, com nota de 5,8 - e mesmo assim, avançaram bastante.

Porém, os dados de 2017 revelam que ainda persiste uma destacada desigualdade entre Subprefeituras, com melhores resultados nos territórios mais centrais. É importante apontar que os piores territórios em 2011 e que obtiveram melhores variações avançaram principalmente por ganhos de nota média de aprendizagem, como Parelheiros e M'Boi Mirim. As regiões com pior Ideb em 2011 foram as que mais avançaram, um movimento no sentido de maior equidade na rede municipal de São Paulo. Contudo, ao mesmo tempo em que as médias melhoraram, houve um aumento da variação (desvio padrão) dos resultados do Ideb, ou seja, Subprefeituras tornaram-se em média mais diferentes entre si em termos de

¹ O Ideb é a principal forma de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelas escolas no Brasil. Ele junta dois conceitos importantes: o desempenho escolar (por meio dos resultados do Censo Escolar, da Prova Brasil e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)) e o fluxo escolar (ou seja, se os alunos estão conseguindo passar de ano). O Ideb pode variar de 0 a 10. O Plano Nacional de Educação (PNE), em sua Meta 7, determina que, em 2021, os anos iniciais do Ensino Fundamental devem alcançar a nota 6,0.

oportunidade de aprendizagem. Apesar do cenário geral ter melhorado, as Subprefeituras ficaram mais diferentes entre si.

De modo geral, podemos dizer que em 2017 ainda persiste um cenário de má distribuição das oportunidades na cidade, com escolas centrais com melhor Ideb e escolas periféricas com pior Ideb. Todas as Subprefeituras tiveram melhora educacional no período, mas os dados mostram que as Subprefeituras com piores desempenhos no Ideb em 2011 (principalmente as localizadas na região sul) tiveram evolução mais positivas no período, o que indica um movimento favorável à equidade educacional. Esses resultados mostram que há urgência de ação que melhore a igualdade entre os territórios, dando maior atenção a zonas educacionalmente prejudicadas.

Pensando em questões como esta, o movimento Faz Diferença? - Discussões sobre Desigualdades reúne um grupo de jovens que acreditam que as desigualdades são o principal problema do país. O grupo tem atuado principalmente por meio da disseminação de informações e estudos sobre o tema, como o texto produzido para esta revista. Em 2018, o grupo promoveu a campanha #igualdadetemvoto, na qual propôs uma agenda de medidas e políticas públicas em diversas áreas para a redução de desigualdades, buscando pautar as propostas dos candidatos e candidatas. Para conhecer mais sobre o grupo, acesse a página do facebook: <https://www.facebook.com/faz.diferenca.br>

Contribuíram para este texto:

Caio Callegari, Co-fundador do movimento Faz Diferença? e do grupo de estudos Econoeduc, economista pela Universidade de São Paulo (USP) e mestrando em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). É Coordenador de Projetos do movimento Todos Pela Educação e membro da rede Talentos da Educação.

Maria Laura Gomes, Analista de Dados, Estudos e Pesquisas do movimento Todos Pela Educação, é graduanda em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo e membro do grupo de estudos Econoeduc.

Tamara Ilinky Crantschaninov, doutora em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e membra do movimento Faz Diferença?.